

# NOSSOS CLÁSSICOS

ÉLISÉE RECLUS

CRÔNICA GEOGRÁFICA<sup>1</sup>

Decididamente, o “mundo é pequeno”, e nós temos a sensação de nele nos sentirmos como que aprisionados. Os circunavegadores se apressam para diminuir a duração da viagem. Bem recentemente eles se vangloriavam por findá-la em vinte e quatro dias; agora eles desprezam aquele que exige, para cumprir esta grande jornada, sessenta vezes vinte e quatro horas. Nas origens da história, cada grupo humano [*peuplade*] era circundado por um horizonte que lhe parecia o imprevisto do mundo, de todo lado ele era sitiado pelo desconhecido. Agora não há um homem de instrução média que não percebe a esfera terrestre se estreitar sob seus pés.

Todas as entradas da Terra, outrora vagamente figuradas, são agora representadas por mapas cujos delineamentos, medidos com precisão, respondem exatamente, segundo uma escala matemática de contornos efetivos, aos rios e às montanhas da região [*contrée*].

Não passa um dia sem que esse inventário de formas da superfície terrestre seja acrescido de novos detalhes e seja desenhado com maior rigor. Os geógrafos colocam toda sua ambição para construir o mapa perfeito da esferóide que habitam e, salvo alguns espaços em branco, de pequenas dimensões, situados aqui e ali em seus desenhos, no meio dos continentes, eles têm diante deles apenas dois vazios: as duas calotas polares defendidas por banquetas e paredes de gelo. Na zona boreal, o espaço a conhecer não passa de 3.980.000 km<sup>2</sup> <sup>2</sup>, ou seja, em torno de oito vezes a França ou a 108<sup>a</sup> parte da superfície terrestre, uma vez e meia a

---

<sup>1</sup>. Entre novembro de 1903 e maio de 1904, Reclus escreveu cinco crônicas para a “La Revue”, as quais lhe concederiam material para o quinto volume de “L’Homme et la Terre”. O texto aqui traduzido por Rogério Haesbaert foi reeditado em francês na coletânea organizada por Joël Cornuault, “Élisée Reclus: du sentiment de la nature dans les sociétés modernes” (Charenton: Premières Pierres, 2002).

<sup>2</sup>. Olinti Marinelli, “Rivista Geogr. Italiana”, abril 1902, p. 104.

superfície do Mediterrâneo, e os exploradores polares se sucedem tão rapidamente nos nossos dias que se pode esperar, a cada ano, uma extensão notável dos itinerários em direção ao pólo. Nas paragens da zona polar austral, em direção à Antártida, a superfície do vazio a conquistar pelos exploradores é muito mais vasta: ele é avaliada atualmente em mais de treze milhões de quilômetros quadrados, o que representa uma extensão mais vasta que a da Europa.

Há algo de humilhante para o gênero humano, e a competição que se produz entre sábios aventureiros, ingleses, escoceses, noruegueses, suecos, belgas, franceses e italianos, visando forçar as banquisas meridionais, prova que o homem sente como uma ferida de amor próprio o fato de ter, por assim dizer, apenas roçado um pequeno número de pontos sobre o perímetro do presumido continente. Num tal reino de neve e de gelo, em que ninguém imagina encontrar irmãos em humanidade e onde não se encontrou, até agora, nem mamífero nem réptil, e somente um inseto, as viagens não são nem um pouco comparáveis, em termos de interesse de utilidade imediata, às que se empreendem nas zonas populosas e férteis. Mas basta que essas águas e essas terras antárticas sejam desconhecidas e perigosas, basta que a morte defenda aí a entrada, para que o homem queira percorrê-las, conhecer a forma, o aspecto e todas as suas condições físicas. O cientista [*savant*] faz questão de conhecer com seus próprios olhos até a última rocha e a última caverna de seu domínio terráqueo. É verdade que o ilustre navegador Cook, tendo desejado, como frequentemente ocorre com os grandes homens, fixar limites ao saber da posteridade, afirmou que jamais algum marinheiro navegaria por latitudes mais próximas do pólo do que aquelas que ele próprio navegara. Desencorajados por essa profecia, bem raros foram os viajantes que ousaram se arriscar para além das primeiras cidadelas flutuantes destacadas das geleiras do Sul. As explorações polares antárticas só recomeçaram na terceira década do século XIX, pois, após a descoberta da Terra de Victoria, de seus altos vulcões e da grande falésia de gelo que se acreditava intransponível, as tentativas novamente acabaram. Mas a vontade humana é incompreensível. As viagens polares antárticas voltaram com o novo século. A primeira temporada nas banquisas austrais se fez com Adrien de Gerlache<sup>3</sup>, depois os marinheiros do “Discovery” ousaram escalar o vulcão Terror e afastar-se para o sul através da neve sobre os platôs do continente.

---

<sup>3</sup> Élisée redigiu o prefácio do livro de Adrien de Gerlache, “Viagem do ‘Belgica’. Quinze meses na Antártica” – livro e prefácio reeditados por Actes Sud. (nota de Joël Cornuault, da edição francesa deste artigo)

O valente Otto Nordenskjöld e outros ainda permanecem nesses lugares terríveis e, recentemente, três grupos de exploradores se encontraram na ilha da Madeira para discutir os meios mais seguros de socorrer esses companheiros em perigo.

Atualmente, a curiosidade dos simples contornos do planeta não é a única que anima o habitante da Terra. Ele quer também penetrar sob a crosta, conhecer sua composição, estudar a vida. Após ter finalizado o estudo extensivo do globo, ele começa a fazer seu estudo intensivo. Após ter reconhecido as formas e medido as dimensões de seu habitat, ele escava o solo, escruta as camadas, segue os veios de areia, de argila ou de carvão, as fontes de água ou de metal, compara os terrenos entre si, descobre sua idade e suas relações de sucessão: ele se tornou geólogo, e esses mesmos mapas que soube fazer para indicar a posição respectiva de todos os traços da superfície terrestre, ele os retomou para aí indicar a natureza, a superposição dos estratos, bem como seu uso em seus trabalhos. Enquanto, dessa forma, trabalhadores exploram a terra, outros percorrem os rios, os lagos e o mar; eles estudam a temperatura, a salinidade, as correntes, a ondulação, os abismos, os turbilhões; eles assinalam aí todos os perigos, descobrem os meios de evitá-los. Outros exploram as profundezas do fogo, as lavas e as crateras, enquanto outros, ainda, sondam o espaço aéreo, se aventuram mesmo para além do ar respirável. E quantas investigações acessórias, quantas ciências especiais se unem a essas ordens primárias de estudo no grande domínio do gênero humano! Não é apenas aos milhares, mas aos milhões – para ser justo com todos os humildes – que devemos contar os colaboradores da imensa obra do planeta.

É em centenas que aparecem a cada ano as obras de geografia que merecem ser lidas, estudadas, anotadas, e em grande número, há sempre algumas que podemos comparar triunfalmente, e a seu favor, com os melhores livros que nos foram legados pelas gerações passadas. Há realmente razão para se ficar maravilhado com o saber, a sagacidade, o método de tantos jovens cientistas [*savants*] que apresentam o resultado de suas pesquisas, seja em dissertações [*mémoires*] separadas, seja em excelentes coletâneas [*recueils*], entre as quais podemos citar em primeiro lugar os *Annales Géographiques* de Paris.